

Advertência

Na história e na vida parece-nos,
às vezes, vislumbrar uma lei feroz
que soa assim: “a quem já tem, será
dado; de quem não tem, será tirado”.

— *Primo Levi* (1945 | 1988: 129)

DA PUBLICAÇÃO POR SIGMUND FREUD DE *DIE TRAUMDEUTUNG* (1900), ou *A interpretação do sonho*, à conferência de Jacques Lacan proferida em Caracas no dia 12 de julho de 1980, a psicanálise viveu seus primeiros oitenta anos entre uma “abertura infernal”, anunciada por este verso da *Eneida*, de Virgílio, “Flectere si nequeo superos, Acheronta movebo” (Livro VII, v. 312), “Se não posso curvar os que estão acima, moverei o Aqueronte”, e uma autonegação, “Cabe a vocês serem lacanianos, se quiserem. Eu sou freudiano” (Lacan, 1980 | 2022: 96), renunciando não tanto uma subversão, e ainda menos uma revolução, mas antes, e certamente, um desejo novo. Um desejo que, para nós, renovou o desejo freudiano. E Lacan, ao lembrar que ainda estava em debate com Freud, acrescentou: “os meus três não são os de vocês. Meus três são o real, o simbólico e o imaginário. Cheguei a situá-los acerca de uma topologia, a do nó, dito borromeano” (: 96).

Lacan, “arreatado”, como disse estar, e repleto de palavras de elogio, redigiu “Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein” (1965). O que, exatamente, o teria arrebatado? “A cena de que o romance inteiro não passa de uma rememoração é, propriamente, o arrebatamento de dois numa dança que os solda, sob o olhar de Lol” (Lacan, 1965a | 2003: 199), “como terceiro que está certamente longe de ser um terceiro excluído” (: 204). “Um começa com três... e dispensa o dois” (Bousseyroux, 2024: 117), assim ele se pronunciaria cerca de dez anos depois em “Le Sémi-

naire, Livre XXII: R.S.1” (Lacan, 1974–5). É que o psicanalista e o artista visam ler não o sentido, e sim o furo (Bousseyroux, 2024: 117).

O DESEJO DE REUNIR TEXTOS ESCRITOS AO LONGO DOS ÚLTIMOS anos teve o objetivo de pô-los à prova do tempo, e da memória. São restos de palestras que fiz em alguns eventos da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano sobre temas específicos. Ao elaborá-las, meu ponto de partida foi quase sempre uma conversa com meus próprios botões: “Vai, pega uma daquelas frases enigmáticas de Lacan e vê o que consegues fazer com ela. Vai! Coragem!” E, assim, foram surgindo, alternadamente, pequenos textos sobre a angústia e sobre questões da contemporaneidade, com destaque para a política.

Nem sempre endereçados ao mesmo público e havendo neles algumas repetições, não constituem exatamente uma sequência. Suas interseções se devem antes à topografia clínica, pois nela cada nome, cada significante, tem o seu lugar. Por exemplo, se o amor se encontra no início de uma análise em intensão como afeto ligado à transferência de saber, ele retorna em seu final como signo de que se mudou de discurso. O amor, portanto, está no mínimo em dois lugares. Já a relação da angústia com a clínica é tão intrínseca que se torna ubíqua, reside no fundamento de toda divisão subjetiva, e de toda causa. Em termos freudianos, diz-se que, para manter o paciente em análise, é preciso manejar a angústia, saber dosá-la, ao passo que Lacan a definiu como “a falta da falta”, ressaltando-se que ela tem também a função de engendrar uma certeza.

Em outra direção, para quem ainda resiste a consentir com a observação de Freud de que a anatomia é o destino, Lacan propôs esta paráfrase enigmática: “*O inconsciente é a política*” (Lacan, 1966–7 | 2024: 267), da qual se pode salientar a etimologia: enquanto *ana* exprime “em partes”, “através de” ou “de baixo para cima”, *tomia* quer dizer “corte”, “incisão”. Eis, então, como se apresenta o inconsciente real, um saber de *lalíngua* que advém por intermédio dos sons e opera cortes.

A CERTA ALTURA, ENCONTREI-ME INDAGANDO: “SERÁ QUE UMA OU um psicanalista pode, de fato, ser um sujeito contemporâneo?” Isso porque ser um contemporâneo, nas palavras de Giorgio Agamben, é uma

tarefa no mínimo árdua, se não impossível, já que, para tanto, é preciso apreender “a resoluta luz” no “escuro do presente” (Agamben, 2008 | 2009: 72). E não só, é preciso ainda interpolar o tempo e “colocá-lo em relação com os outros tempos” (: 72). Não por acaso, Agamben aproxima sua ideia das “perquirições históricas” de Foucault sobre o passado, que significam uma “interrogação teórica do presente”, bem como da proposta de Walter Benjamin de que o “índice histórico contido nas imagens do passado” mostra que essas imagens “alcançarão sua legibilidade somente num determinado momento da sua história” (: 72).

O inconsciente, ao trazer o objeto *a* para o palco de uma análise, introduz não apenas a balbúrdia, uma certa confusão de línguas e de vozes, mas também um espaço e uma temporalidade radicalmente novos, e com eles a singularidade de uma história. Acredito que isso nos aproxima ainda do filme *Everything Everywhere All at Once* [*Tudo em todo lugar, tudo ao mesmo tempo*], ganhador de sete estatuetas do Oscar de 2023. Na opinião de diferentes críticos de arte, essa produção independente de Daniel Kwan e Daniel Scheinert equilibra cenas de luta alucinantes com dilemas familiares, explorando temas como o existencialismo, numa mistura de ficção científica, comédia dramática, artes marciais e metaverso, ou seja, num conjunto de ambientes virtuais imersivos e compartilhados em rede que buscam simular ou replicar o que seria a realidade.

O psicanalista, situado entre o homem das artes e o cientista, nem sempre se dá conta de que a arte pode também preceder a ciência, como afirmado a respeito de *Eureca: um poema em prosa*, de Edgar Allan Poe, ensaio sobre o universo material e espiritual, surgido em 1848 e não apenas tido como um dos últimos poemas cosmológicos da história universal, um dos textos de maior influência naquele “velho ramo da literatura que é a poética” (Michael, 2023), mas também referenciado por poetas da estirpe de Charles Baudelaire, Stéphanie Mallarmé e Paul Valéry. Poe, como se sabe, foi referência igualmente de Lacan, que se debruçou sobre um de seus contos, “A carta roubada”, durante um Seminário homônimo, cujo texto resultante (Lacan, 1956) abre seu *Escritos*, publicado em 1966.

Diz-se de Edgar Allan Poe que, além de mestre do terror, foi um sujeito profundamente interessado pelas descobertas científicas do século XIX, incluindo-se entre aqueles capazes de enxergar no daguerreótipo um casamento feliz entre o empirismo e a tecnologia. Quando *Eureca* veio à luz, os físicos concordavam em que o universo era estático, infinito, mecânico e eterno. Mas Poe, em seu texto, apresenta um universo dinâmico e em constante evolução, um multiverso, isto é, um conceito científico

hipotético que sugere a existência de múltiplos universos paralelos, além daquele propriamente humano. Sua suposição, em linhas gerais, era que, na unidade original da primeira coisa, residiria a causa secundária das demais, com o germe de sua aniquilação inevitável, podendo-se sustentar que ele antecipou grandes teorias como o *Big Bang*, o conceito de “inflação cósmica”, segundo o qual universos surgem como “bolhas” num espaço-tempo em constante expansão, e a teoria das cordas, ou seja, previsões matemáticas de uma teoria científica que não apresenta evidências, mas é considerada uma das ideias mais fascinantes da física moderna.

Já Freud, em suas últimas notas, assinalou que a psicanálise requeria que se revissem as noções de tempo e espaço até então adotadas, observando que o inconsciente, ao desconhecer o tempo cronológico, opera uma regressão não temporal, e sim tópica (Freud, 1938b). Seu funcionamento diz respeito a uma *Nachträglichkeit*, ou seja, é da ordem de uma leitura *a posteriori*, tal como o saber indígena, ao dizer que um pássaro foi morto ontem com a seta que estamos lançando hoje. Em outras palavras, como Lacan o indicou, está em jogo um tempo lógico, um instante de olhar que, retornando no momento de concluir, decide *só-depois* o que foi o tempo de compreender (Lacan, 1945).

OS TEXTOS AQUI REUNIDOS, AO QUE PARECIA, ESTAVAM DEFINIDOS, porém eu me vi às voltas com esta questão premente: “Como concluir, hoje, um livro que almeja conter considerações sobre a política da psicanálise e quase nada diz sobre o trauma racial?” Estamos em 2026, a obra final de Freud é quase centenária e a de Lacan tem pouco menos de meio século, no entanto se ainda nos servimos delas como quem busca uma luz para as trevas de mais um século sanguinário, é por constatarmos, quase diariamente, a contemporaneidade de ambas.

Ora, quando matar se torna um assunto de alta precisão, “a noção de biopoder é insuficiente para dar conta das formas contemporâneas de submissão da vida ao poder da morte” (Mbembe, 2003 | 2018: 71). Nas palavras do filósofo Achille Mbembe, que é também professor de história e ciências políticas, o necropoder, significante por ele forjado, “embaralha as fronteiras entre resistência e suicídio, sacrifício e redenção, mártir e liberdade” (: 71).

O psicanalista então, convidado e convocado à cena pública, alia-se ao poeta, que lhe vem lembrar, entre outras coisas, que o espaço *entre-*

-duas-mortes não é simplesmente o lugar do infortúnio, pois é igualmente onde o olhar se converte em beleza (Lacan, 1965a | 2003: 204). Isso porque o “homem vive entre a terra e o céu. Entre aquilo que ele vê, na sua medida, do seu limite, onde ele está pisando, bem desperto, e a imensidão do céu” (Quinet, 2025: 312). E como se mede isso? “A poesia é o ato de medir o *entre-deux*: entre a terra, onde a pergunta é jogada, lançada, e o céu que não responde” (: 312).

Nesses termos, se Freud se une a Marx, nem que seja por ter situado o sintoma no primeiro plano como “retorno da verdade” na falha do saber, há consequências inauditas a serem extraídas a cada vez que ocorre um encontro com um psicanalista. Afinal, a psicanálise é o único campo em que o sujeito tem chances de encontrar “um parceiro que responde” porque ela também é sintoma, “sintoma do momento temporal a que chegamos no que chamarei, com uma palavra provisória, de civilização” (Lacan, 1968–9 | 2008: 31).

Armação dos Búzios, maio de 2026.